

QUADROS HISTÓRICOS

DA

LIBERDADE PORTUGUEZA

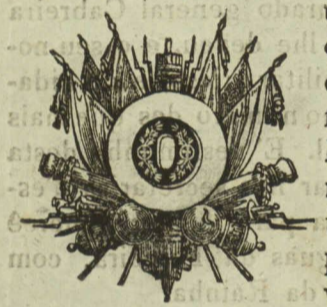
DESDE 1828 ATÉ 1834.

1.º Quadro.

ATAQUE DA VILLA DA PRAIA

NA ILHA TERCEIRA

Em 11 de Agosto de 1829.



a natureza operou prodigios a favor d'um povo, ou no fim de sete seculos parou a veloz carreira dos dias, para que os portuguezes igualassem com feitos grandes e pasmosos os povos mais antigos do Mundo. Victorias sobre victorias, feitos distinctos nas artes e nas sciencias, descobertas, em que transluz tanto o valôr como a sciencia, e a intrepidez, chamaram sobre esta terra, basejada pela ventura, o respeito e a veneração de quantos contemplam as paginas das historias que as relatam; mas a fortuna, sempre propicia áquelle, que na prática das virtudes cultiva o espirito, preparava aos luzos um campo de gloria, em que, ganhando novos louros, elles chamassem sobre si a admiração dos presentes, e se constituissem ao mesmo tempo modêlos de valôr e de mansidão para os vindouros.

Por um esforço ousado tinha este povo manso sacudido o grilhão, e proclamado os seus direitos; aquelles, com que se constituiu nação, e com que se submetteu ao dominio de um rei, que escolheu, e em cujas mãos depositou, debaixo de mutuas condições, o poder de o reger, e bem governar; jaziam esses ferros a um lado, e ao outro curvado o absolutismo, que na frente d'uma horda sem virtudes, ajudados da intriga, e favorecidos pela ignorancia, espalhada por frades prevaricados, e de más intenções, tinham opprimido o povo pacifico, disposto de seus bens e de seu trabalho, derramado o seu sangue como convinha aos seus interesses, zombado da submissão e da paciencia com que elle supportava o seu tormento.

Era este o começo d'uma época de salvação, quando o povo regenerado, traído por inimigos irreconciliaveis, vio dobrarem-se os ferros, e teve que chorar por perdida a liberdade, que era sua, que era preço de seu sangue, que era premio de suas fadigas de Ourique, e que, mais que tudo, era o principio mais nobre, que os ligava como nação a uma terra, se bem conquistada, que não apresentava os espinhos, e abrolhos do captiveiro, mas viçosos loureiros, com que coroaram as fronte os primeiros que nella desembañharam a espada por Deus e Affonso. O povo caído de novo no captiveiro, e estava reservado para estes dias, que valem seculos, pelo que nelles se fez, que um príncipe fôsse o que dissesse ao povo que se libertasse: caso tão estupendo como raro, e tão digno de admiração, e de ser celebrado, quanto é desusado nos que mandam soltar os que são mandados; mas era forçoso que o throno uma vez pagasse aos portuguezes uma divida, que o throno por tantas vezes tinha contraído com os portuguezes.

D. Pedro IV, Príncipe da Casa de Bragança, que a este tempo occupava o throno do Brazil, querendo mostrar ao Mundo que os reis diversificam do geral quando são portuguezes, disse a um povo, que se submettia pela successão, que o chamava ao throno = Larga a vestimenta de escravo, chega, que te quero soltar os pulsos, e sê livre, porque te pertence sê-lo! = Oh! Príncipe, dos principes o mais digno de o ser: teu nome será lembrado em quanto houverem portuguezes! Se os nossos maiores conquistaram tudo, tu conquistaste o que os outros não poderam conquistar, conquistaste o respeito dos que ainda estão por nascer, que saberão avaliar a generosidade do teu coração, e hemdirão teu nome cheios de veneração; porque conduzir á victoria é valor, reger bem é um dever nos que regem, mas quebrar grilhões, restituir os bens usurpados, é virtude sobre tudo, e muito mais naquella, a quem o abuso protegia!

Sôlta assim a nação dos vergonhosos frros do despotismo, que se tinha alevantado, pôde metter debaixo dos pés o monstro, e esmagar-lhe a cabeça; mas, como a generosidade e a magnificencia caracterisavam este

povo, no perdão concedido aos assassinos da patria ficou o germen para a destruição.

D. Miguel, que instigado por aduladores criminosos, ou por sua indole perversa, tinha armado o braço detestavel contra o pai, e contra o seu rei, esmagando em o mesmo pé a natureza, e os deveres de subdito portuguez, cumpria o captiveiro a que a vontade do pai e os decretos do rei o tinham condemnado; porém aquelle Pedro, que tinha sido generoso para os subditos, não o pôde ser menos para o irmão; e querendo distinguir este daquelles, d'uma só vez lhe deu patria, e a liberdade, e na esposa a maior prova da sua indulgencia: bens que, ainda que a politica lh'os defendesse, lhe quiz conceder a grandeza d'um rei que, tendo quebrado os ferros ao povo, mal os podia conservar ao irmão.

Restituído o infante, a quem as desgraças e os annos deviam ter domesticado a indole, á patria que não via sem mágoa as mal cicatrizadas feridas que elle lhe tinha aberto no seio, pelo respeito devido ao rei e á esposa, em quem acabava de effectuar-se uma abdicção espontanea, recebe com os braços crusados o tyranno, que a devia devastar.

Penna, que não fôsse movida por um pulso portuguez, devia continuar o fio desta historia, porque a não continuará, sem dôr, quem vio e sentio os estragos da feroz usurpação deste tyranno, o mais barbaro que dezenove seculos tem visto, e em quem se reunio a estupidez de Helio-gabalo, e a ferocidade de Nero.

A arvore da liberdade, transplantada pela segunda vez neste solo de benção, devia soffrer mais um contratempo, para que depois de perdida fôsse cultivada com mais disvello e amor; e estava guardado para D. Miguel, príncipe de costumes que envergonham o seculo em que vive, e a terra que o vio nascer, descarregar o golpe destruidor, que levasse d'uma só vez os fóros do povo e a lei fundamental do Estado, a mesma que tinha destruído o justo e legal decreto do seu exterminio. E que outra cousa havia a esperar do filho rebelde, que se tinha armado contra o pai e contra a patria, senão a ingratição!

D. Miguel em um só dia commetteu dous horrosos crimes, um contra Deus, e outro contra as leis dos homens; e declarando-se rei contra o que estava disposto nas leis, contra a vontade dos povos, e os principios de successão por que se tinha regido a nação sete seculos completos, deu testemunho de si, e reprehende a generosidade com que o irmão lhe tinha dado a corda e a filha.

N'um momento Portugal, que era uma campina alegre, matizada de esperanças de mil côres, se tornou em um sombrio e ermo deserto: o riso da primavera, que respirava na face de todos, foi trocado em lucto, e os cantos de alegria e benção, que ainda faziam echo, foram substituidos pelo chôro do innocente, pelas lagrimas da esposa, e pelos lamentos da viuva: qual sentia a falta do braço alimentador do pai: qual a companhia do esposo: e qual a perda do consorte! Portugal trocou a gala em luto, e pareceu que toda a sua gloria tinha descido aos abysmos da eternidade, que a espada do usurpador tinha aberto d'uma só vez.

Desde o momento desta usurpação, que fôra preparada por erros e caprichos apoiados por braço estrangeiro, a religião e as leis não serviram senão de instrumento do crime, não tanto do príncipe desvairado como de seus indomitos e mal intencionados validos, e foi assim que um povo pacifico, e desejo da liberdade, vio abertas as masmorras para o receber, e levantadas as forcas para o punir do delicto de querer gosar de seus direitos, vêr observadas as leis, e feliz a sua terra natal!

Custa-nos ter que legar neste escripto á posteridade um documento horrosos dos delictos que esta época testemunhou; porém o caracter de historiador impõe-nos este dever, e oxalá que o lugubre quadro, que vamos

apresentar, sirva de aviso aos que se nos hão de seguir, a fim de que não confiem a guarda de suas liberdades, que tanto nos tem custado a conservar, a mãos fracas e a espiritos interesseiros, que cuidem de seus interesses e paixões, abandonando a causa do povo, quasi sempre sacrificada pela ambição e venalidade!

D. Miguel tinha subido o primeiro degráo do throno conduzido pela mão do perjuro e da traição, e os passos, que seguissem esta, deviam por força corresponder-lhes.

D. Miguel tinha traído a confiança do seu rei; e, abandonado ao barbaro coração, que lhe pulava no peito, perseguido, com a ferocidade do tigre, os subditos fieis da sua esposa. A guarda do throno foi commettida aos perjuros, e aos assassinos; a denuncia, e o juramento falso foram a pedra angular do edificio do seu reinado; as cadêas, e os mais horrorosos calabouços foram habitados pelos homens mais distinctos em virtudes, saber, e valôr! D. Miguel, assim isolado no meio d'uma horda indomita de criminosos, que tinham vendido as consciencias e os braços á junta apostolica, conduzidos por alguns nobres, lezados com o estabelecimento da igualdade legal, deixou de ser logar-tenente de seu irmão, deixou de reger pela lei uma nação briosa, e distincta, e se achou reduzido a um chefe de aventureiros, sem consideração, que, ou pisavam as leis, ou se apossavam do alheio, ou perseguiam a innocencia

O que os olhos viram, não o póde descrever a penna: falta a velocidade, e força de pulso para escrever aqui a immensidade dos crimes então commettidos: frageis e indefezas mulheres arrojadas a negras e escuras masmorras: meninos e velhos todos soffreram! Portugal foi riscado da lista das nações, e os portuguezes, votados ao ferro, e ao fogo dos assalariados d'um partido sanguinario, que destruiu por gosto e que devastava por capricho!

Não se submette sem resistencia aos grilhões d'um tigre uma nação como a portugueza, que, saída do berço, surgio livre, e que livre respirou em todos os tempos, e por entre todos os perigos; a liberdade e a independencia encorajou em todas as épocas o braço luzitano; e não era de esperar que neste momento arriscado espirasse nos peitos dos descendentes dos soldados do conde Henrique aquelle amor de patria, que os tornou tão esforçados, quando libertavam a terra em que queriam gosar da liberdade á sombra das leis.

Um grito patriotico, soltado nas margens do Douro, fez reunir em roda do pendão da liberdade alguns milhares de homens; e este grito, eminentemente portuguez, resouo nas serranias do Algarve. A tentativa honrada e briosa, foi inutil, ou porque a politica, ou porque a concorrencia dos factos tornaram indefeza a causa, que estava já vencida, e que triunfava por toda a parte, que achava sympathias em todos os corações não corrompidos, que eram os corações dos verdadeiros portuguezes! A's paginas da historia destes dias de gloria, e dignos de ser chorados, hão de ainda os vindouros vir tributar respeito aos portuguezes deste seculo, e buscar modêlos de valôr, e de lealdade!

Um exercito sem generaes, abandonado, não largou as armas, para não ser traidor, e senão caminhava vencedor; cheio de honra abandonou o campo, que o não deixaram defender: cedeu ás circumstancias, e pela Galiza foi longe da patria, e, á custa de muitos sacrificios, protestar contra os actos illegaes do usurpador, e representar Portugal, que sem elles não sairia do captiveiro como nação livre, e digna de o ser.

O exercito revolucionado contra a usurpação tinha retrocedido dos campos de Coimbra, e esperava a ultima decisão da junta no campo de Santo Ovidio, na cidade do Porto; porém debalde esperou, porque todos os influentes tinham embarcado, e foi devido á resolução de alguns poucos officiaes a deliberação de cortar pela Hespanha até á Corunha, e ao Ferrol. Não descreveremos aqui, por ser alheio do nosso fim, a serie de acontecimentos, os sacrificios, e as privações por que estes benemeritos passaram; baste dizer, que se lhes negava o sustento a troco do ouro?

Oh! E de todos, que costumam tomar a frente dos povos, quando vencedores, quaes foram os que acompanharam este grupo virtuoso? Permitta-se-nos, sem que se julgue parcialidade, que digamos aqui, o que póde fazer corar muitos — foi o honrado Pissarro, que morreu Visconde de Bobeda.

A officialidade, á testa da qual estava o benemerito Francisco Soares Caldeira, coronel das milicias de Thomar, afretou á sua custa duas embarcações; e as praças de pret foram á custa dos cofres transportadas para Inglaterra, aonde a sua sorte não foi mais benigna: foi a sorte de emigrados!

Em quanto estes salvavam a causa da Rainha, que esteve tão perto de perder-se para sempre, os assoldados da junta apostolica progrediam no empenho. Os padres, e muitos frades prégavam ao povo a mentira; e outros, esquecidos da santidade do seu ministerio, aconselhavam o perjuro, e pediam o sangue do innocente! Os juizes condemnavam sem culpa, e todos apunhalavam, do posto que lhes tinha sido confiado, a razão, a verdade, e a justiça. A religião foi capa de todos os crimes; a realza servio de salvaguarda a todos os facinorosos. Em todos os tempos os impostores costumaram trajar as vestes da época; e em todos os tempos os facciosos aproveitaram os caprichos, e á sombra de todos os partidos se nutriram ambiciosos, que, sem terem no coração os principios, utilisaram com elles, o que lhes defendia a razão e a justiça.

Não seria facil comprehender nos estreitos limites deste resumo o que se passou em todo o tempo, que mediou até ao memoravel dia 11 de Agosto de 1829, e muito trabalhoso seria resumir os trabalhos politicos, que deram em resultado á Nação Portugueza a liberdade, e á Senhora Dona Maria Segunda o throno.

A usurpação tinha sido repellida na ilha Terceira pelo bravo batalhão de caçadores n.º 5 (ou antes por 136 bravos daquelle corpo), á testa do qual se achava o distincto capitão Quintino; e a junta formada no Porto, e a que presidia o marquez de Palmella, aproveitando os esforços ousados dos heroes do 5.º batalhão de caçadores, pôde conservar fieis as serranias da heroica Terceira, no cume das quaes arvoraram o estandarte da liberdade.

Não seguiremos aqui as paixões de ninguem: guiados pela verdade,

e pelos factos, só escreveremos o que pertencer á historia. A ilha Terceira foi declarada sede do governo restaurador, e para alli foram enviados todos os socorros de gente e provisões, que foi possível, e pareceu necessarias. O usurpador via submettido ao seu feroz governo o reino inteiro, e só fiel á Rainha esta ilha heroica; e, como este ponto importante offerecesse um argumento contra as suas pretenções, foi todo o seu cuidado debellar esse asylo da honra e da lealdade. Em razão dos preparativos que se faziam em Portugal, julgou a junta que o maior empenho a seguir era sustentar a ilha, e para esse fim enviou alli n'uma embarcação alguns bravos, em cujo numero figurava o mui distincto Deocleciano Leão Cabreira.

A' vista do estado da ilha houve um conselho a bordo nas aguas da Terceira em 6 de Setembro de 1828, presidido pelo general Moura, no qual se decidiu, que a ilha não se achava em estado de defeza, e em consequencia deviam os que alli se achavam tornar para Inglaterra. Foi nesta occasião, que o ousado e corajoso general Cabreira declarou, que elle não voltaria para Inglaterra, e que elle defenderia a ilha, ou morreria como portuguez honrado, defendendo a liberdade da sua patria, e o throno da herdeira dos antigos reis de Portugal.

Esta deliberação, toda portugueza, e propria de portuguez, devia encorajar a guarnição honrada, que sustentava o ponto em que devia firmar-se a alavanca que havia arrojar para bem longe de Portugal o usurpador, e o governo intruso: ella foi a estrella bonançosa, que marcou a terra da salvação aos que estiveram quasi perdidos no meio da borrasca politica, que a falta de decisão d'uns, e a traição d'outros tinha feito levantar em torno do patriotismo, e da honra.

O usurpador, que via naquelle baluarte invencivel o escolho sobre que devia naufragar, protegido e aconselhado, envia para o combater uma numerosa esquadra. (*)

Não faltava a coragem e o valôr em todos os que guarneciam a ilha heroica, e o esforço dos generaes era rivalisado pela bravura dos soldados; mas para que tudo fôsse completo achava-se alli o esforçado duque da Terceira, filho dilecto da victoria, coroad de louros immarcessiveis todas as vezes que desembainhou a espada pela liberdade. Os soldados não eram muitos, mas todos eram valentes, e sobre serem valentes eram portuguezes, e portuguezes que defendiam a razão, e a liberdade da sua terra; eram soldados invenciveis, porque não eram mercenarios; eram todos cidadãos, que offereciam resistencia ao usurpador dos seus direitos e liberdades.

Narrar aqui os nobres feitos do brioso e honrado general Cabreira seria empenho superior ás nossas forças: muito se lhe deveu, e o seu nome, nunca manchado com acções improprias de militar brioso, e de cidadão de virtudes, não póde deixar de ser incluído no numero dos que mais fizeram a favor da patria, e da liberdade em geral. E' testemunho desta verdade o decreto dos seus serviços, que deve estar nas secretarias d'estado, no qual se lê que Sua Magestade se reserva para lhe fazer mercê pela distincta coragem e decisão com que nas aguas da Terceira, com sua resolução heroica, salvou a causa da patria e da Rainha.

Pelos cuidados deste patriota benemerito, livre de ambições, e despresador de vã gloria, foi a ilha posta em estado de defeza.

Alóra pequenos desgostos, e rivalidades de partido, que sempre as houve, mesmo entre irmãos, filhos do mesmo pai, reinava na ilha o socego, e a boa ordem estava em todas as cousas. O desejo de mostrar ao mundo quanto podem braços dos que pugnam pela justiça, ardia no coração de todos, e todos os dias era suspirado aquelle em que devia esculpir-se em laminas eternas o feito grande dos valentes da Terceira, que, salvando a patria e a liberdade, souberam ser generosos com os vencidos, no momento em que eram tigres com os que os accomettiam.

A Europa inteira olhava com interesse para a ilha: a Inglaterra só é que a via com ciume; foi a Inglaterra que fez canhonear nas agoas da ilha heroica os subditos da Rainha, sua alliada! Esta nodoa jámais póde ser apagada dos corações, em que respirar honra e amor de patria. A Europa via naquelle ponto o asylo do valor e da honra: os liberaes olhavam para ella como o manancial de todas as venturas, e o nascente de que devia derivar a paz, a abundancia, e a felicidade do povo portuguez.

Nós todos formavamos votos pela boa sorte das armas libertadoras: os cercados prendiam o interesse do mundo inteiro, e eram o doce objecto de todos os nossos votos; eram toda a nossa esperanza, porque nós eramos captivos, e arrojavamos duros e pezados grilhões: elles eram os destinados para nos libertar

Tudo corria bem; tudo era propicio; tudo agourava a felicidade e a victoria.

A bahia da villa da Praia está guarnecida, além de outros que se abandonaram por falta de artilheria, por seis fortes. Havia-se projectado ligar estes fortes com intrincheiramentos, procurando-lhes melhores flanqueamentos, mas estes trabalhos não se achavam completos.

Se as forças do usurpador eram muitas, não podiam tanto como o valôr dos poucos que as esperavam, porque estes eram soldados da liberdade, e aquelles escravos do tyranno: 330 bocas de fogo, e 5.880 eram os combatentes contra 11 canhões, e 102 soldados. (**)

Força que, comparada á que atacava, só podia ser equilibrada pela superioridade que só dá o santo amor da patria e da liberdade, e a consciencia da justiça, meios inapreciaveis, que sobrepujavam nos peitos dos heroicos defensores. Commandava neste porto aos voluntarios de Dona Maria Segunda o major Manoel Joaquim Mendes, de caçadores n.º 9, e aos artilheiros da costa o capitão de infantaria 10, Manoel Joaquim Simões. Tal era o estado de defeza em que se achava a bahia da villa da Praia, na manhã do memoravel dia 11 d'Agosto de 1829.

Sempre houve difficuldade em colher noticias, e desgraçadamente nesta época, em que as paixões das parcialidades tudo desfiguram, muito mais cresce a difficuldade; porém o grande desejo, que temos, de deixar aos vindouros um documento importante, nos tornou arrojados nesta empreza; e para que não seja pobre de noticias esta pequena obra, damos em seguida o que podêmos colher.

Pareceu a esquadra por algum tempo bloquear a ilha Terceira, ou esperar que sua presença excitasse discordia, que lhe proporcionasse o ingresso dos que a pejavam, apparecendo algumas vezes aos que occupavam a ilha. Amanhecendo o dia 11 d'Agosto nublado, e de salseiros, atravessou a não D. João VI em frente da cidade d'Angra, no bordo do Sul, e em boa distancia os mais navios navegando pela pôpa pelas 4 horas da manhã. Desde essa hora se occupou a esquadra em manobras para cobrir e preparar o seu designio, afastando-se da sua primeira posição pelas 6 horas e 50 minutos.

A's 10 horas e 35 minutos estava a não abra aberta com a bahia da villa da Praia, e ás 11 horas tocaram as embarcações da esquadra dentro da bahia os pontos que lhes haviam sido assignados pelo seu commandante; pouco depois começou o fogo dos fortes, que foi immediatamente respondido pela não; e mais embarcações, que fundearam a pequenas distancias dos fortes, ficando a não em menos distancia de duas amarras do forte do Espirito Santo; a Diana se collocou em frente do forte de Santa Catharina; a corveta Princeza Real na ponte da Mamerenda; e a Perola na prôa da não.

Vivamente canhoneavam as embarcações aos fortes das posições inclinadas, e as demais de donde se achavam. Pela 1 hora e meia da tarde, sem descontinuar o fogo, se fez o signal para a reunião das embarcações pequenas, e desembarque da tropa, sob a protecção da escuna Triunfo da Inveja. Em 21 barcos, dos quaes 6 eram artilhados, em que iam mais de 2.000 homens, se procedeu ao desembarque da banda Este do forte do Espirito Santo.

A tropa desembarcada foi recebida vigorosamente com uma bem sustentada fuzilaria, a qual fez reembarrar alguns dos que haviam posto pé em terra, afastando-se as embarcações meudas da praia, deixando alli muitos dos que trouxeram, os quaes, depois de bem cortados, se viram precisados a depôr as armas, rendendo-se, e achando hospitalidade generosa e christã naquelles que se lhes haviam feito crêr abominaveis herejes, e dignos de cruel exterminio, espantando-se esses infelizes de encontrarem fraternidade e piedade.

Apesar do máo successo desta primeira tentativa, de novo cheias as embarcações pequenas se dirigiram, procurando desembarcar a Oeste do forte do Espirito Santo, protegendo esta tentativa o fogo dos brigues Providencia, e Infante D. Sebastião. Alguns tiros da terra, dirigidos contra essas embarcações, voltaram a primeira lancha, pondo em confusão todas as outras. Debalde o coronel Lemos, com outros officiaes dos atacantes, bradavam a esses soldados embarcados avançassem para a terra: não obtiveram serem obedecidos.

Os inimigos, que desembarcaram, chegaram a entrar no forte do Espirito Santo, que se havia antes evacuado, e procuravam senhorear-se da crista da rocha; mas o valor dos voluntarios, que guarneciam este posto,

carregando-os vigorosamente, os desalojaram, precipitando-os sobre os rochedos em que haviam desembarcado, aonde os accomettiam por um lado as ondas, que cresciam, e por outro as armas dos defensores: tiveram de render-se, e foram salvos pela piedade dos bravos a quem vieram accometter.

Reforçado aquelle posto pelo general conde de Villa Flôr (hoje duque da Terceira), pela tropa que conduzia, e alguma artilheria; e tendo a esquadra visto malogrados seus esforços e arduas tentativas de desembarque, abandonando as tropas que desembarcára, pelas 8 horas e meia, aproveitando o preamar e alguma aragem O. N. O., ordenou se picassem as amarras, retirando-se em derrota, cedendo a palma da victoria á lealdade e heroismo dos benemeritos defensores das liberdades patrias.

Evitando o ser diffusos nos detalhes, não podemos esquivar-nos a comparar os meios e forças dos partidos que se combatiam. Conduzia a esquadra 330 bocas de fogo, como fica dito, e tinham os defensores apenas 11 em posição; entre as daquellas havia 52 de calibre 32, 82 de 24, e tinham os defensores apenas 5 peças de 24. Dispararam aquellas 4.913 tiros de sua artilheria, e da terra apenas 256. A esquadra enviou á terra mais de 2.000 combatentes, dos quaes é certo nem todos desembarcaram; mas estando na guarnição apenas 102 bravos, estes obrigaram, os que não pereceram, a render-se. E' do mesmo modo certo, que os 102 bravos, quando já recolhiam os vencidos, foram auxiliados pelo exm. duque da Terceira com tropas e artilheria que lhes trouxe; mas não é possível negar-se aos bravos postados em guarnição a gloria que lhes cabe neste grande dia. Accrescentâmos a estes detalhes a resenha das embarcações que entraram em fogo, os tiros de artilheria que dispararam, e principaes estragos que soffreram. (***)

Sendo nosso intento narrar sem ornato, e sem paixões um facto, que não pertence a ninguém particularmente, não tivemos em vista prodigalizar elogios: o nosso fim foi legar aos vindouros o conhecimento desapassionado da verdade; com tudo permitta-se-nos que concluamos este pequeno e pouco valioso trabalho, repetindo o nome respeitavel do barão de Faro, que sustentou na frente da ilha Terceira a possibilidade e a necessidade de a sustentar, quando seus camaradas vindos de Inglaterra se decidiam pelo abandono = Portuguezes de todas as opiniões: a ultima época da liberdade, começada pela emigração do exercito do norte do reino, não existiria se não fôsse o valôr e a coragem dos defensores da villa da Praia. Se muitos delles pereceram sobre os parapeitos do Porto, se outros arrastam uma existencia languida e pezada, se uma grande parte não recebeu a devida recompensa de tão valiosos serviços, recompense-os ao menos a nossa gratidão, e possa a posteridade fazer justiça aos heroes, que para salvar a patria, e as liberdades publicas, não se pouparam, nem ás privações d'um exilio voluntario, nem ás fadigas d'uma guerra aturada.

(*) Nome e qualidade dos navios, nomes dos commandantes, artilheria, e sua guarnição.

Qualidade dos Navios	NOMES		BOCAS DE FOGO			HOMENS		
	Navios	Commandantes	Peças	Caronadas	Total	Guarnição	Expedicion. ^{os}	Total
Não.....	D. João VI.....	José Gregorio Pegado.....	58	10	68	626	438	1.064
Fragatas..	Dianna.....	Francisco Ignacio d'Almeida Everard.....	30	22	52	396	338	734
	Amazona.....	Joaquim José da Cunha.....	16	14	30	265	401	666
	Perola.....	João Pedro Nolasco da Cunha.....	30	18	48	345	207	552
Corvetas..	Princeza Real.....	José Joaquim Pereira.....	4	18	22	93	152	245
	Urania.....	Sebastião Antonio Pegado.....	8	16	24	182	98	280
Brigues...	Treze de Maio.....	João José Fernandes.....	4	8	12	73	"	73
	Infante D. Sebastião.....	José da Costa Couto.....	6	6	12	77	47	124
	Gloria.....	Profirio Antonio Caminha.....	"	4	4	47	105	152
Charruas..	Providencia.....	Antonio Francisco Vicente Heitor.....	4	14	18	141	"	141
	Maia Cardoso.....	Joaquim Maria Bruno de Moraes.....	2	12	14	176	414	590
	Príncipe Real.....	Antonio José Borges de Castro.....	"	2	2	80	178	258
	Princeza da Beira.....	Manoel Pedro de Carvalho.....	2	6	8	83	131	214
	Orestes.....	Francisco de Paula Tavares.....	"	2	2	75	185	260
Escuna.....	Galatea.....	Antonio Daniel Baptista de Barros.....	10	"	10	87	172	259
	Triunfo da Inveja.....	Domingos Fortunato do Valle.....	2	2	4	32	"	32
Hiates....	Bom Despacho.....	José Joaquim do Rego.....	"	"	"	19	70	89
	Santa Luzia.....	Carlos Augusto de Moraes Almeida.....	"	"	"	15	"	15
	Bom Jesus.....	Francisco d'Assis e Silva.....	"	"	"	10	"	10
Patachos..	Carmo e Altmas.....	João Cesario Cardoso.....	"	"	"	11	40	51
	Divina Providencia.....	David Victor da Camara.....	"	"	"	16	5	21
			176	154	330	2.849	3.031	5.880

(**) **Commandantes, guarnição, e artilheria dos fortes da villa da Praia, em 11 de Agosto de 1829.**

NOMES DOS FORTES	COMMANDANTES			PEÇAS			GUARNIÇÃO					
	Corpos a que pertencem	Postos	Nomes	Numero	Calibre	tiros que deram	Artilheiros de Lisboa	Artilheiros da Costa	Caçadores n.º 5.	Infanteria	Marinheiros	Todos
Santa Catharina do Cabo da Praia	Infanteria	Alferes	Nuno Bernardo de Castro.....	1	24	89	3	12	3	10	"	28
S. José	Batalhão de Voluntarios de D. Maria Segunda	Sargento	Antonio Augusto da Costa Ripper.....	1	24	32	2	8	3	6	"	19
S. Caetano	Dito	Voluntario	José Peixoto da Silva.....	1	24	54	2	8	3	6	"	19
S. João	Artilheria	Soldado	José Paulo Machado.....	1	18	35	1	4	3	4	"	12
Santa Cruz do Porto	Infanteria	Alferes	Simão Antonio d'Albuquerque e Castro.....	1	24	39	1	"	"	5	6	12
Espirito Santo	Caçadores	Dito	Manoel Franco.....	1	24	7	"	8	"	4	"	12
				11	"	256	9	40	12	35	6	102

Commandavam os seis fortes tres officiaes, um sargento, e dous soldados.

(***) **Mapa demonstrativo das embarcações que entraram em fogo, tiros que fizeram, e estragos que soffreram.**

DESIGNAÇÃO DAS EMBARCAÇÕES	Para onde dirigiam o fogo, e posições	tiros que fizeram	HOMENS				ROMBOS			OBSERVAÇÕES	
			Mortos	Peridos	Extraviados	Total	Ao lume d'agua	No costado	Total		
Não D. João VI.....	Aos fortes do Espirito Santo, Porto, Luz e Chagas	1.391	12	31	102	145	1	23	24	Ficaram desmontadas 2 caronadas na tolda, 1 peça no convez, outra na coberta, partida a retranca, despeçada a bomba do fogo, 2 escaleres arrombados, partidos alguns páos das antenas, cortados o estais grande, 3 ovens de enxarcia, alguns brandaes da gavia grande, e parte dos cabos de laborar, furadas diversas vellas, e despeçada uma portinhola da coberta.	
Fragatas	Dianna.....	Santa Catharina.....	1.125	9	6	"	15	7	31	38	Teve partidos o estais grande, e da rabeca, 1 oven da enxarcia grande, outro do traquete, alguns cabos de laborar cortados, furada a rabeca, e a bujarrona, perdeu a lancha, e o primeiro escaller muito arruinado.
	Amazona.....	Santa Catharina.....	155	"	"	7	7	"	1	1	
	Perola.....	{ Postada entre os fortes das Chagas e Santa Catharina..... }	875	2	2	142	146	2	11	13	Teve furadas e incapazes as vergas sobrecelentes da borda, cortados os cabrestos, e cabos de laborar.
Corvetas	Princesa Real.....	{ Fóra da linha, entre a não e a Perola, dirigia o fogo aonde convinha..... }	394	2	7	68	77	"	1	1	
	Urania.....										Destacada no bloqueio d'Angra.
Brigues	Treze de Maio.....		109								Teve arruinados alguns reparos de artilheria, e no convez.
	Providencia.....	{ Fóra da linha, no intervallo entre a Perola e a Dianna, fazia fogo para o caminho que vem da cidade, e protegeu o desembarque..... }	309								Teve arruinados alguns reparos.
	Infante D. Sebastião	{ Collocou-se a tres braças de fundo em frente da praia, atirando á queima-roupa..... }	321	"	1	"	1	"	"	"	Teve partido 1 eixo d'uma carreta d'artilheria.
	Gloria.....	Fóra do fogo.....				3	3	"	"	"	
Charruas	Maia Cardoso.....	{ Collocada atravez da corveta Princesa Real dirigia o seu fogo contra a estrada por onde vinha a gente soccorrer a praia..... }	7	2	2	76	80	"	"	"	
	Princesa da Beira...	E.O. com a antecedente.....	34								Teve um cabo de laborar cortado.
	Príncipe do Brazil...										
	Galatéa.....	Ao S.E. da Dianna contra o forte de Santa Catharina	18								
Escunas	Orèstes.....	Fóra do fogo.....									
	Triunfo da Inveja...	Na frente dos barcos e escaleres.....	86								Teve as vellas crivadas de mosquetaria, e ruina nos eixos das peças de 9, que tem na prôa.
Lanchas	Da não.....		11								
	Da Dianna.....	{ Na frente de 18 barcos e escaleres, que conduziam á terra 2.070 homens..... }	25								
	Da Perola.....		28								
Barcos artilhados	Da não.....	{ Como as lanchas antecedentes..... }	7								
	Da Dianna.....		8								
	Da Perola.....		13								
			4.916	27	49	398	474	10	67	77	

N. B. Além das embarcações acima acompanharam a armada dous patachos e tres hiates, com tropa e munições, e as porcelhas destinadas á artilheria em terra.